

A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO E A CARACTERIZAÇÃO DOS PERSONAGENS NAS *RES GESTAE* DE AMIANO MARCELINO¹

*Cynthia Alves de Oliveira*²

RESUMO: Os aspectos geográficos do Mundo Antigo têm despertado o interesse de um número cada vez maior de pesquisadores ao redor do mundo, tendo em vista que entender como os antigos percebiam e se apropriavam do espaço circundante significa desnaturalizar certezas há muito enraizadas no senso comum – e que muitas vezes estão pautadas em interpretações anacrônicas. A produção e uso de mapas pictóricos pelas sociedades antigas foi um dos pressupostos que teve sua autoridade fortemente questionada neste início de século, quando uma corrente de pesquisadores que defende que os antigos representavam o espaço por meio de descrições verbais pautadas em listas de itinerários começou a ganhar cada vez mais adeptos. O grande mérito destes pesquisadores esteve em ampliar as possibilidades de estudo da geografia do Mundo Antigo, que já não mais depende apenas dos tratados geográficos e das fontes epigráficas sobreviventes: ao dizer que os antigos se apropriavam do espaço por meio de descrições esses pesquisadores tornaram possível o estudo dos aspectos geográficos da Antiguidade através de qualquer narrativa escrita. Este artigo tem como objetivo analisar a construção do espaço nas *Res Gestae* de Amiano Marcelino tendo como base os estudos produzidos por este grupo de pesquisadores e lançando mão do referencial teórico desenvolvido pela Geografia Cognitiva.

PALAVRAS-CHAVES: Amiano Marcelino – geografia cognitiva – representação espacial – itinerários.

ABSTRACT: The geographic aspects of the ancient world have aroused the interest of a growing number of researchers around the world, since understanding how the ancients perceived and appropriated the surrounding space means denaturalize certainties long rooted in common sense, which are often guided by anachronistic interpretations. The production and use of pictorial maps by ancient societies was one of the assumptions whose authority was strongly put into question early in this century, when the ideas of scholars who argued that the ancient represented the space through

¹ Este artigo faz parte da pesquisa de Iniciação Científica intitulada “Espaço imaginado, Espaço representado: rotas e itinerários em Amiano Marcelino”, desenvolvida sob a orientação da Profa. Dra. Juliana Bastos Marques.

²Graduanda em História da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Bolsista de Incentivo Acadêmico do Departamento de Assuntos Estudantis (DAE) da mesma instituição.

verbal descriptions guided by itineraries lists started to gain support. The great merit of these researchers was to widen the possibilities of studies on Ancient World Geography, which no longer depends just on geographical treatises and surviving epigraphic sources: in saying the ancient appropriated the space through such descriptions, these researchers have made it possible the study of the geographical aspects of antiquity through any written narrative. This article aims to analyze the construction of the space in *Res Gestae* of Ammianus Marcellinus based on the studies produced by that group of researchers and using the theoretical framework developed by Cognitive Geography.

KEYWORDS: Ammianus Marcellinus – cognitive geography – spatial representation – itineraries.

Introdução

Durante muito tempo se ergueu uma verdadeira muralha entre a História e a Geografia, tradicionalmente consideradas disciplinas distintas onde caberia à primeira estudar os fenômenos humanos no tempo e à segunda a dimensão espacial desses fenômenos, de maneira que o historiador não deveria interferir no domínio do geógrafo e vice-versa (Barrera, 2010). Ao conceber o espaço como uma construção subjetiva influenciada pelo momento histórico e as condições socioeconômicas a que estão submetidos os indivíduos, abandonando a ideia de um espaço físico, natural e imutável, a chamada *Geografia Cognitiva*³ contribuiu de maneira significativa para fraturar essa barreira aparentemente inabalável, estabelecendo um diálogo fecundo não apenas entre História e Geografia, mas englobando também a psicologia, o urbanismo e outras áreas do conhecimento. Essa ampliação do conceito de espaço geográfico por meio de uma abordagem interdisciplinar, operada sobretudo a partir da década de 1960 (Couclelis & Gale, 1986), abriu caminho para o desenvolvimento do conceito de “mapa mental” que embasa este trabalho. Cunhado pelo geógrafo Peter Gould e utilizado pela primeira vez em

³ Os estudos de uma geografia cognitiva, por assim dizer, tem como marco inicial o artigo de C. C. Trowbridge, “On fundamental methods of orientation and ‘imaginary maps’”, publicado em 1913. O próximo trabalho relevante será publicado em 1932 por P. Jaccard, intitulado *Le sens de la direction et l'orientation lointaine chez l'homme*, contudo, o interesse por este assunto só se desenvolverá de fato nos EUA no início na década de 1960, como uma das respostas às diversas tensões enfrentadas pela sociedade americana. Nesse contexto, o livro de Kevin Lynch, *The image of the city* (1960), ocupa um lugar de destaque em meio aos trabalhos que se aprofundaram no assunto. Lynch abre caminho para uma série de outros autores que irão abordar a representação do espaço de um modo diferente. A partir de então, o significado da atividade cartográfica será compreendido de maneira mais profunda, com tudo que ela representa para a evolução da mente humana e suas implicações filosóficas (Janni, 1984, pp. 11-14)

ensaio publicado no livro *Image and Environment: Cognitive Mapping and Spatial Behavior*, de 1973, este termo pode ser entendido como

(...) o resultado dos padrões de interação espacial determinados por percepções subjetivas advindas das necessidades pessoais, ou seja, os custos de trocas, de bens, de pessoas, de mensagens. Essas percepções subjetivas, sendo boas e desejáveis ou ruins e indesejáveis, determinam ideias de distâncias relativas, qualitativamente diferentes das distâncias reais. (Marques, 2009, p. 154)

Em outras palavras, um mapa mental é a forma como uma pessoa percebe e representa o espaço à sua volta, pontuando como importante aquilo que lhe convém – mesmo que de maneira inconsciente.

As últimas décadas do século XX presenciaram um crescente interesse dos historiadores que trabalham com a Antiguidade pela temática da representação espacial e do uso de mapas pelas sociedades antigas e, de maneira geral, os estudos sobre o espaço no mundo antigo podem ser divididos em dois polos opostos. Por um lado, existem as análises mais tradicionais das quais podemos citar os estudos de Claude Nicolet (1991) e Oswald Dilke (1998), que defendem a existência e o uso de mapas semelhantes aos atuais pelos povos da Antiguidade. Essa semelhança se daria tanto na forma como na utilização: os mapas teriam uso oficial, sendo indispensáveis para os comandos militares, e seriam uma forma de demonstração de poder; além disso, eles seriam usados por particulares, auxiliando deslocamentos individuais e comerciais. Estes autores estão preocupados em analisar as fontes epigráficas remanescentes – tais como a *Tabula Peutingeriana*, o *Itinerarium Antonini* e o Papiro de Artemidoro, além dos tratados geográficos produzidos por Eratóstenes e Ptolomeu – partindo do pressuposto de que existia no mundo romano uma consciência cartográfica do modo como entendemos hoje. No polo oposto se encontram autores como Pietro Janni (1984), Richard Talbert (2004) e Kai Brodersen (1995) que não consideram plausível a existência de uma consciência cartográfica no mundo romano. Para esses autores, a escassez de recursos técnicos para realizar medições precisas inviabilizava a produção e a circulação

de mapas na Antiguidade⁴; como contraponto, eles defendem que a representação do espaço naquele período ocorria no plano da descrição – partindo dessa premissa, a utilização de representações gráficas não era uma necessidade fundamental para o conhecimento e a apropriação do espaço (Marques, 2009, p. 153). Pietro Janni, em seu livro *La mappa e il periplo: Cartografia antica e spazio odologico*, desenvolveu a ideia de espaço *hodológico*: lançando mão do conceito de mapa mental e partindo da premissa de que a representação do espaço na Antiguidade ocorria por meio das descrições de itinerários – os caminhos que ligam as cidades –, este autor chegou à conclusão de que as representações cartográficas não são um imperativo para identificar os mapas mentais produzidos pelos antigos e que estes também podem ser identificados dentro das narrativas escritas. Segundo Janni, a representação do espaço no mundo romano se daria de maneira unidimensional, ou seja, o que importava de fato era a ligação entre dois pontos – A e B ou A e C –, de maneira que o espaço tridimensional entre esses pontos não constituiria um espaço relevante. Em outras palavras, no mundo antigo é o itinerário que permite o domínio e a definição do espaço que se quer representar.

Nosso objetivo é fazer uma leitura das *Res Gestae* de Amiano Marcelino – sobretudo a sua primeira parte – observando a maneira como o autor constrói o espaço em sua narrativa e como essa construção é influenciada pela maneira como os diferentes personagens reagem e interagem entre si e com o espaço à sua volta, tendo como base teórica o modelo desenvolvido por Pietro Janni. A narrativa construída por Amiano Marcelino tem como centro seus personagens; são os indivíduos que determinam os rumos de sua história - especialmente os imperadores, que estão sempre se movimentando pelo Império (Marques, 2011). Podemos afirmar que a obra de Amiano tem como elemento central o imperador Juliano – que a historiografia cristã batizou de “O Apóstata” em função das reformas religiosas promovidas durante seu reinado –, pois este teria sido o modelo ideal de governante para o autor. De uma maneira geral, as *Res Gestae* podem ser divididas em três grandes blocos, que narram os

⁴ Além disso, é importante ressaltar que a utilização dos mapas é um fenômeno relativamente recente na história da humanidade e que seu uso precisa ser desnaturalizado. A criação de uma “consciência cartográfica” percorreu um caminho muito mais longo e complicado do que se pode imaginar e, portanto, é algo que precisa ser historicizado, o uso de mapas não é algo inerente ao ser humano (Janni, 1984, p. 12).

acontecimentos antes, durante e depois do reinado de Juliano (Barnes, 1998, p. 25). A primeira parte, que reúne os livros de XIV a XXI, relata os acontecimentos de um período marcado por uma tensão permanente entre o César Juliano e o Augusto Constâncio II. Toda a construção retórica destes livros tem como finalidade enfatizar as qualidades e virtudes de Juliano em oposição aos vícios e defeitos de Constâncio e uma das formas utilizadas pelo autor para construir essa dicotomia entre o bom e o mau governante se dá através da descrição do espaço em que se desenrolam as ações e o modo como a caracterização desse espaço ajuda a construir o caráter dos personagens.

Amiano Marcelino e suas Res Gestae

Arnaldo Momigliano se referiu a Amiano Marcelino como dono de uma disposição quase indecente para falar de si mesmo em sua obra histórica, pois, se comparado aos seus predecessores, é o historiador latino do qual melhor conhecemos a trajetória pessoal em função das inúmeras referências biográficas contidas em seu relato (Momigliano, 2012, p. 128). Contudo, apesar da indecência aludida por Momigliano, existia um limite sobre o quanto um historiador poderia falar de si mesmo em sua obra e, como consequência, os fatos conhecidos sobre a vida deste autor são muito menos numerosos do que os pesquisadores gostariam. De maneira geral, sabemos que Amiano Marcelino nasceu entre 325 e 330 d.C. na cidade grega de Antioquia, um dos principais centros políticos do Império Romano naquele período. Existe uma lacuna de informações sobre a infância e adolescência do autor e, depois de seu nascimento, o próximo dado do qual dispomos é de que em 353 ele integrava um seleto grupo do exército romano, os *protectores domestici*⁵. Este fato nos

⁵ A classe social a que pertencia Amiano Marcelino ainda é um ponto de controvérsia entre os pesquisadores, contudo, o fato de ele integrar um grupo de alto prestígio social como os *protectores domestici* já no ano de 353 é um forte indicio de seu berço nobre - além disso, os *protectores domestici* geralmente eram filhos de militares de alto escalão (Barnes, 1998, p. 59). Apesar das discussões, existe certo consenso de que possivelmente Amiano tenha pertencido à ordem dos decuriões (Silva, 2007, pp. 167-168). Os decuriões representavam o terceiro escalão do Estado Romano, estando abaixo apenas das ordens senatoriais e equestre. Na teoria, podia integrar essa ordem qualquer cidadão entre vinte e cinco e trinta anos e que desempenhasse magistraturas municipais; na prática, o decurionato acabou adquirindo um cunho hereditário, já que os filhos dos decuriões herdavam a fortuna, a boa reputação e a honra dos pais. Os decuriões eram fundamentalmente proprietários de terra, porém, não podemos deixar de incluir entre eles homens que tiveram a origem de suas fortunas nas atividades mercantis. Além disso, o decurionato representava um alívio para o Estado, já que esta ordem arcou com o peso da administração local e contribuiu de forma decisiva para a integração e unificação do Império Romano (Mendes, 2002, pp. 106-107).

indica sua origem social elevada, tendo em vista que um simples soldado dificilmente chegaria a esse posto com menos de vinte anos de serviço militar (Silva, 2007, p. 167). Nos sete anos seguintes, Amiano participará de diversas campanhas militares sob as ordens do general da cavalaria no Oriente Ursicino, e em 363 fará parte da expedição de Juliano contra os persas – ocasião em que o imperador morre e depois da qual nosso autor se retira da vida militar. Especula-se que depois de abandonar o exército, Amiano tenha retornado para a sua cidade natal e tenha permanecido ali até o ano de 378.

Durante o período de relativa tranquilidade que passou em Antioquia, Amiano se dedicou à leitura de obras antigas e contemporâneas sobre geografia, história e ciências que mais tarde o irão ajudar a compor seu próprio relato (Harto-Trujillo, 2002, p. 16). Em 378 o autor deixa Antioquia e viaja para Roma seguindo pela rota terrestre através da Trácia (Silva, 2007, p. 169), com o objetivo de escrever sua obra na *urbs aeterna* – aproveitando essa viagem para recolher informações para as suas histórias. Assim, depois da agitada carreira militar que o levou de um canto a outro do Império, da Mesopotâmia ao norte da Gália, do Mar Negro ao Egito, Amiano se estabelece na cidade de Roma e se dedica à produção de suas *Res Gestae* (Guzmán Armario, 2006, p. 15). A data de falecimento do autor não é conhecida, todavia, existem indícios de que sua obra já estivesse finalizada por volta do ano de 397 (Thompson, 1969, p. 18), o que nos permite ter uma noção de seu tempo de vida. De maneira geral, pode-se dizer que Amiano Marcelino morreu por volta do ano 400 e que passou o fim de seus dias na cidade de Roma (Harto-Trujillo, 2002, p. 17).

Em si mesmas, as informações biográficas contidas no relato de Amiano Marcelino já transformam a obra em uma fonte de estudo preciosa para os pesquisadores, contudo, transcendendo a esfera individual, as *Res Gestae* se destacam em meio ao conjunto de narrativas históricas produzidas no Império Romano Tardio por seu excepcional valor historiográfico (Cameron & Cameron, 1964; Guzmán Armario, 2006), constituindo-se num dos documentos mais importantes para o estudo do século IV d.C. Amiano constrói um minucioso retrato da crise enfrentada pelo Império naquele momento e possibilita ao leitor apreender em profundidade a sociedade e a cultura do quarto século, além de fornecer preciosas informações para o estudo da história militar romana e da etnografia das diferentes regiões do Império. Nas *Res Gestae* estão refletidas as

categorias de pensamento e expressas as normas de comportamento, os estados de ânimo e as paixões do período, formando assim um verdadeiro mosaico de detalhes e informações, o que demonstra a preocupação do autor em retratar uma visão do Império em sua totalidade⁶ (Silva, 2007, p. 166).

Em seu plano original, as *Res Gestae* tinham como objetivo narrar os fatos ocorridos no Império Romano entre o principado de Nerva (96 d.C.) e a morte de Valente (378 d.C.), distribuindo-os em trinta e um livros dos quais somente os dezoito últimos se preservaram até os dias atuais. Somos informados do ponto de partida do relato escrito por Amiano no último parágrafo do livro XXXI, que funciona como um epílogo da obra e nos permite saber seu recorte cronológico:

Narrei os fatos compreendidos entre o principado de Nerva e a morte de Valente, na medida em que permitiram minhas forças, sendo eu como sou antigo militar e grego. Nunca tentei, em minha opinião, corromper a verdade intencionalmente, nem com omissões nem com mentiras. Que escrevam a continuação aqueles que estejam em condições de fazê-lo, seja por sua idade ou por seus conhecimentos. Porém se alguém tentar realizar esta tarefa, o conselho que aguce sua língua e adote um estilo mais elevado (Ammianus Marcellinus, *Res Gestae*, XXXI, 16.9).⁷

Além desse epílogo, o leitor é brindado com mais duas declarações que funcionam como prefácios dos livros XV e XXVI. No parágrafo XV,1.1, Amiano expõe o modo como está compondo sua obra, ele diz que tentou conhecer a verdade e que seguindo a ordem dos acontecimentos, narrou aquilo que presenciou ou que tomou conhecimento interrogando minuciosamente os protagonistas, além de afirmar que sua obra será alvo de críticas por sua extensão⁸. No parágrafo XXVI,1.19, o autor reafirma que sua obra receberá

⁶ Essa preocupação com o Império como um todo indica o tempo em que vive Amiano: um mundo onde a cidade de Roma conserva apenas sua importância simbólica, sendo inexpressiva politicamente, pois o centro de poder do Império é o imperador e nesse período ele já não mais reside em Roma (Marques, 2011).

⁷ “*Haec ut miles quondam et Graecus, a principatu Caesaris Nervae exorsus, ad usque Valentis interitum, pro virium explicavi mensura: opus veritatem professum numquam (ut arbitror) sciens silentio ausus corrumpere, vel mendacio. Scribant reliqua potiores, aetate et doctrinis florentes. Quos id (si libuerit) aggressuros, procudere linguas ad maiores moneo stilos*” (Amm. Marc. XXXI,16.9).

⁸ “*Utcumque potui veritatem scrutari, ea quae videre licuit per aetatem, vel perplexe interrogando versatos in medio scire, narravimus ordine casuum exposito diversorum; residua quae secuturus aperiet textus, pro virium captu limatius absolvemus, nihil*

críticas dos seus contemporâneos, mas que as falhas que poderiam ser apontadas em sua narrativa não corresponderiam às leis da historiografia, pois “a historiografia costuma narrar fatos essenciais e não esquadrihar minúcias e ações insignificantes” (Amm. Marc. XXVI,1.1). Esse conjunto de declarações supre, ainda que de maneira imperfeita, a perda do prefácio inicial da obra, fornecendo pistas sobre os objetivos e o método utilizado pelo autor, bem como a estrutura das *Res Gestae*.

A experiência de Amiano como militar aliada às viagens que ele empreendeu pelas diversas regiões do Império e que o permitiram recolher *in loco* muitas das informações contidas em seu livro fazem com que o espaço geográfico ocupe um lugar fundamental dentro da sua narrativa. Ao longo da obra encontramos várias digressões etnográfico-geográficas nas quais o autor descreve regiões e províncias do Império e os povos que nelas habitam ou que pressionam suas fronteiras¹⁰. Essas digressões cumprem uma função retórica na medida em que o público de Amiano é a elite da cidade de Roma, uma elite que não conhece todas as regiões sobre as quais o autor está falando, por isso uma descrição detalhada destes locais. Contudo, é interessante notar como o Amiano constrói o espaço em que se desenvolve a ação das personagens fora dessas digressões e o modo como a caracterização dessas personagens acaba se transformando na caracterização do próprio espaço em que se desenvolvem os acontecimentos.

A construção do espaço em Amiano Marcelino

obtretores longi (ut putant) operis formidantes. Tunc enim laudanda est brevitatis, cum moras rumpens intempestivas, nihil subtrahit cognitioni gestorum” (Amm. Marc. XV,1.1).

⁹ “*Dictis impensiore cura rerum ordinibus ad usque memoriae confinia propioris, convenerat iam referre a notioribus pedem, ut et pericula declinentur veritati saepe contigua, et examinatores contexendi operis deinde non perferamus intempestivos, strepentes ut laesos, si praeteritum sit, quod locutus est imperator in cena, vel omissum quam ob causam gregarii milites coerciti sunt apud signa, et quod non decuerat in descriptione multiplici regionum super exiguis silere castellis, quodque cunctorum nomina, qui ad urbani praetoris officium convenere, non sunt expressa, et similia plurima, praeceptis historiae dissonantia, discurrere per negotiorum celsitudines assuetae, non humilium minutias indagare causarum, quas si scitari voluerit quispiam, individua illa corpuscula volitantia per inane, ἀτόμους, ut nos appellamus, numerari posse sperabit.*” (Amm. Marc. XXVI,1.1).

¹⁰ De acordo com Lopez Ramos, (2008, p. 262-63), as *Res Gestae* contam com doze digressões etnográfico-geográficas, sendo elas: Incursões dos isaurianos 14.2/ Os sarracenos 14.4/ As províncias do oriente 14.8 / O lago Constanza 15.4.1-6 / A Gália 15.9-12/ Assedio de Amida 18.9/ O passo de Succo 21.10.2-4/ Trácia e o Ponto Euxino 22.8.1-4 / Egito 22.15-16/ Pérsia 23.6.1-84 / Trácia 27.4 Os hunos e alanos 31.2.

Os mapas mentais presentes no texto de Amiano Marcelino são profundamente influenciados pela maneira como os diferentes personagens reagem e interagem entre si e com o espaço à sua volta. Acreditamos que a descrição do deslocamento constante dos imperadores entre Ocidente e Oriente influi profundamente na dinâmica do poder imperial e na manutenção das fronteiras do Império. Levando em consideração essa característica da obra de Amiano e realizando a leitura crítica das passagens em que o autor descreve itinerários chegamos à conclusão de que essas passagens não são gratuitas dentro do texto. Em muitos casos, a descrição desses itinerários possibilita apreender não só o espaço físico como também pode ser utilizada como ferramenta para a caracterização dos personagens envolvidos na ação. A construção do espaço na narrativa está intimamente ligada à opinião pessoal do autor em relação aos personagens que participam de sua história e para ilustrar esta proposição vamos analisar dois deslocamentos descritos nos livros XV e XVI, recorte que se justifica pela tensão existente entre Constâncio II e Juliano dentro da primeira parte das *Res Gestae*.

O capítulo cinco do livro XV tem como plano de fundo a tentativa de usurpação de Silvano, comandante da infantaria que havia sido enviado para a região da Gália com a missão de combater os povos bárbaros que assolavam aquela região. Amiano nos deixa saber que Silvano foi vítima de uma conspiração e que só tomou a decisão de se autoproclamar imperador quando ficou sabendo que um mensageiro imperial deveria ter-lhe entregue uma carta na qual ele era chamado à presença do imperador e não o fez: a tentativa de usurpação teria sido, na verdade, uma tentativa de se manter vivo, tendo em vista a aludida inflexibilidade de Constâncio II em assuntos como este. Ao ser informado do que acontecia na Gália, Constâncio convoca seu conselho para tentar solucionar o problema e dessa reunião surge o nome de Ursicino como um grande conhecedor da arte da guerra e a pessoa mais indicada para combater Silvano, nas palavras de Amiano: “todos os oficiais se acudiram ao palácio e, como ninguém era capaz de pensar ou dizer qual era a melhor decisão,

começaram a mencionar Ursicino em voz baixa, como grande conhecedor de assuntos de guerra” (Amm. Marc. XV.5.18)¹¹.

Ursicino estava na corte imperial em *Mediolanum*¹² e parte para *Colonia*¹³, onde se encontrava Silvano, acompanhado de dez homens (dentro os quais se encontrava o próprio Amiano Marcelino). Amiano se refere ao caminho percorrido como um longo caminho¹⁴, mas ele não chega a descrever o caminho em si; o que ele deixa seu leitor saber é que Ursicino e seus homens percorreram as 608 milhas romanas¹⁵ que separavam *Mediolanum* de *Colonia*, correndo contra o tempo para chegar à zona de conflito antes que os rumores da usurpação se espalhassem pelo império. Numa leitura rápida do texto de Amiano esse episódio se perde em meio ao vívido quadro de ações e conflitos com o qual o autor brinda o seu ouvinte. Contudo, numa leitura mais aprofundada é possível perceber que a passagem se insere dentro de uma estrutura retórica muito bem construída cujo objetivo é duplo: engrandecer os feitos de Juliano (e, em menor, medida de Ursicino) e, sobretudo, denegrir a imagem de Constâncio II.

De maneira geral, o livro XV se estrutura da seguinte maneira: os capítulos XV.1 a XV.4 relatam os desvios de caráter de Constâncio II e daqueles que os cercam, demonstrando que o imperador, além de não ser um bom general, se cercava de pessoas tão inaptas quanto ele. No capítulo XV.2, o autor relata que Ursicino foi acusado de um crime de lesa-majestade e por muito pouco não foi assassinado por meio de um plano orquestrado por Arbitião. Se referindo ao general da cavalaria como um homem magnânimo que permaneceu com ânimo imutável¹⁶ diante de tal situação – mesmo tendo sido abandonado por seus amigos, antes muito numerosos, e sabendo que ouvidos de Constâncio estavam sempre abertos para os sussurros de pessoas insidiosas e enganadoras, mas não escutavam defesas justas e dignas – Amiano ressalta que a inveja é sempre inimiga das pessoas íntegras. O plano de Arbitião,

¹¹ “*properarunt omnes in regiam. Cumque nulli ad eligendum quid agi deberet, mens suppetere posset aut lingua, submissis verbis perstringebatur Ursicini mentio, ut consilis rei bellicae praestantissimi*” (Amm. Marc. XV, 5.18).

¹² Atual cidade de Milão, Itália.

¹³ Atual cidade de Colônia, Alemanha. O nome da cidade no período romano era *Colonia Claudia Ara Agrippinensium*, contudo, no decorrer do texto nos referiremos a ela apenas como *Colonia*.

¹⁴ “*itineribus magnis*” (Amm. Marc. XV, 5.24).

¹⁵ Aproximadamente 900 km, de acordo com mediação realizada no “*Barrington Atlas of the Greek and Roman World*” (Talbert, 2000).

¹⁶ “*magnanimus stabat immolis*” (Amm. Marc. XV, 2.3).

compartilhado apenas com um pequeno grupo de pessoas e desenvolvido com o conhecimento do imperador, era assassinar Ursicino à noite, longe de seus soldados e sem nenhum julgamento prévio, porém, a vontade de Constâncio se suavizou no último momento e Ursicino escapou da morte. Depois disso, as calúnias recaíram sobre Juliano, recém-chegado à corte de Constâncio, que foi acusado de ter colaborado com seu irmão Galo¹⁷ enquanto estava em Constantinopla e de buscar conhecimentos liberais¹⁸ – por mais que tenha demonstrado não ter cometido crime algum, Juliano só não foi executado pela intervenção da imperatriz Eusebia. No capítulo XV.4, Amiano narra a campanha de Constâncio II contra os Lentienses, povo que invadia com frequência a fronteira romana na região da Récia. O interessante dessa campanha reside no fato de que, ao chegar à zona de conflito, Constâncio e Arbitião se reúnem para uma deliberação na qual decidem que seria melhor se o imperador ficasse afastado da ação protegido por alguns soldados. Liderando o exército, Arbitião cai em uma emboscada e depois se acovarda ante o avanço bárbaro, diante disso, a derrota romana só não foi certa pela ação de três tribunos que se lançaram sobre os inimigos defendendo a causa comum como se fosse própria (XV.4.10) – enquanto isso, Arbitião só retornou ao campo de batalha quando a vitória já estava garantida. E Amiano comenta que Constâncio voltou para os quartéis de inverno em *Mediolanum* triunfante e feliz¹⁹.

No capítulo XV.8, Amiano informa que a região da Gália estava sendo devastada pelos povos bárbaros, sem que ninguém conseguisse impedi-los. O imperador Constâncio II buscava uma maneira de resolver a situação sem sair de Itália, pois segundo Amiano, ele não desejava se colocar em perigo numa terra tão distante. A solução encontrada para esta situação foi compartilhar o

¹⁷ Juliano era meio-irmão de Flavio Claudio Constâncio Galo, que havia sido nomeado César por Constâncio II em 351. O governo de Galo foi marcado por abusos do poder e por um clima de insegurança narrados por Amiano no livro XIV das *Res Gestae*, ao final do qual o César Galo é executado.

¹⁸ Juliano e seu irmão Galo cresceram sob a vigilância de Constâncio II: em um primeiro momento eles foram entregues aos cuidados de Eusébio de Nicomédia e, após a morte deste, enviados para a fortaleza de *Macellum*, na Capadócia. Juliano, que sempre nutriu um grande interesse pela filosofia e literatura gregas, desenvolveu seus estudos em *Macellum* e depois viajou para Nicomédia e Pérgamo, onde travou contato com filósofos neoplatônicos. Quando Galo foi executado, Juliano foi convocado à corte e colocado sob a custódia do imperador, pois, Constâncio II temia que ele nutrisse as mesmas pretensões que seu irmão (Pereira, 2009, pp. 34-42). A imperatriz Eusébia interveio em favor de Juliano e o enviou para a cidade de Como, próximo a Milão, onde ele permaneceu durante algum tempo e, posteriormente, recebeu permissão para se dirigir à Grécia e concluir seus estudos (Amm. Marc. XV, 2.8).

¹⁹ “*Hocque exitu proelioterminato, imperator Mediolanum ad hiberna ovans revertit et laetus*” (Amm. Marc. XV, 4.13).

governo do Império com seu primo Juliano e para legitimar essa decisão Constâncio profere um discurso frente ao exército. Nesse discurso, o imperador se refere a Juliano como um jovem de ações brilhantes, respeitado com justiça por sua moderação²⁰, dono de um caráter vigoroso e tranquilo, apesar de ser jovem (*adulescens*)²¹. Ainda em seu discurso, Constâncio incube Juliano de livrar a Gália dos povos que a destruíam, enfrentando o inimigo de frente se preciso fosse e, segundo Amiano, a decisão de elevar Juliano à posição de César foi aclamada com alegria pelos soldados. Logo depois disso, Juliano se casa com a irmã de Constâncio e segue para a Gália. Nesse caminho ele é informado que a cidade de *Colonia* havia sido tomada e destruída pelos bárbaros, depois de enfrentar um duro cerco.

Os últimos capítulos do livro XV constituem uma longa digressão²² sobre a região da Gália, onde Amiano relata a origem do povo que habita a região bem como seus costumes e as características físicas do lugar, com destaque para a descrição dos *Alpibus Cotti*²³ e do curso do rio Rhodes. Em relação aos Alpes, o autor enfatiza que sua travessia é difícil em qualquer época do ano, pois seus cumes estavam sempre cobertos de uma grande quantidade de neve, o que deixava o solo muito escorregadio, e nos períodos do ano em que essa neve derretia, pedras começavam a se desprender do solo: independentemente da situação, caminhar pelo local era uma tarefa altamente perigosa e o número de homens e animais que caíam do alto dos montes com seus carros era espantosa. De maneira geral, pode-se dizer que objetivo dessa digressão é apresentar ao público ouvinte a região para onde Juliano estava sendo enviado depois de ter sido empossado César do Império Romano. Nessa descrição da Gália, Amiano deixa clara a posição estratégica ocupada pela cidade de *Colonia*, tendo em vista que ela funcionava como um ponto fundamental na defesa da parte ocidental da província de Germânia Segunda – essa consideração é importante para entender alguns dos fatos narrados nos livros subsequentes.

²⁰ “*ianque ellucentis industriae iuvenem*” (Amm. Marc. XV.8.8).

²¹ “*adulescens vigoris tranquillii*” (Amm. Marc. XV.8.10).

²² A digressão é formada pelos seguintes capítulos: XV.9 – descrição da origem dos galos; XV. 10 – descrição das características físicas dos Alpes; XV.11- elenca as partes constituintes da Gália e descreve o curso do rio *Rhodani* e XV.12 – descrição dos costumes dos galos.

²³ Alpes Suíços.

Voltando ao percurso de Ursicino em sua ação contra Silvano, o caminho que o comandante da cavalaria atravessa não é descrito no capítulo cinco, contudo, a minuciosa descrição dos Alpes, fornecida pelo autor alguns capítulos depois, é extremamente significativa. Amiano nos diz que aquele é um caminho difícil de ser atravessado, que o número de mortes em acidentes no local é muito grande, seja lá qual for a época do ano em que se passe por ali. No entanto, Ursicino percorreu esse caminho correndo contra o tempo, acompanhado por apenas dez homens, para assegurar o poder de um imperador que, de acordo com o julgamento de Amiano, mantinha pouco ou nenhum compromisso com a virtude e a justiça. Além disso, chega a ser irônico que tenha sido Ursicino o escolhido para lidar com uma ameaça ao poder imperial, quando sua própria vida tinha estado por um fio pouco tempo antes em função de intrigas tramadas por indivíduos que contavam com a confiança do imperador e da inclinação deste para escutar tais intrigas. Ao ignorar os prováveis revezes que Ursicino e seu grupo encontraram pelo caminho (os quais Amiano poderia descrever detalhadamente, já que ele estava entre os dez militares que acompanhavam o general da cavalaria) e privilegiando o fato de que eles percorreram tal caminho da forma mais rápida possível, tentado chegar a Silvano antes que os rumores de usurpação se espalhassem pelo Império²⁴, Amiano está exaltando a figura de Ursicino e louvando seus feitos enquanto general do Exército Romano. O itinerário percorrido por Ursicino estava longe de ser fácil, mas isso não atrasou nem o impediu de cumprir a missão que lhe foi dada com louvor: ele não desiste porque é um bom general, ele é *ambitiosus*, o que quer dizer que ele procura agradar seu imperador (Faria, 2003). A representação do espaço nesse caso se pauta pela oposição entre um Constâncio II volátil, que se deixa levar por intrigas, sendo muitas vezes injusto e um Ursicino dedicado ao seu posto de general, que mesmo sendo injustiçado não mede esforços para fazer aquilo que lhe é demandado.

O segundo deslocamento com o qual trabalharemos se encontra no segundo capítulo do livro XVI e envolve a figura de Juliano em sua campanha na região da Gália. Depois de passar um inverno muito atarefado na cidade de

²⁴ “*Festinamus itaque itineribus magnis, ut ambitus magister armorum, ante allapsum per Italicos de tyrannide ullum Rumoren, in suspectis finibus appareret, verum cursim nos properantes aëria quandam via antevolans prodiderat Fama et Agrippinam ingressi, invenimus cuncta nostris conatibus altiora.*” (Amm. Marc. XV, 5.24).

*Viennam*²⁵, atuando como cônsul no ano de 356, Juliano toma conhecimento de que as muralhas da antiga cidade de *Augustuduni*²⁶, que já estavam desgastadas pela ação do tempo, haviam sido derrubadas pelos bárbaros em um ataque repentino. Segundo a narrativa de Amiano, depois de cuidar dos preparativos necessários, sem se esquecer das suas obrigações como cônsul e rejeitando os prazeres e luxos oferecidos pela corte, Juliano chega a *Augustuduni* como se fosse um general de força e prudência reconhecidas²⁷ com a intenção de combater os bárbaros assim que a oportunidade se apresentasse. Com esse objetivo, o César lança mão de um guia local que pudesse indicar qual era o caminho mais seguro para chegar à cidade de *Autosudorum*²⁸. Contudo, ao tomar conhecimento de que, pouco tempo antes, Silvano tinha percorrido com dificuldade o caminho entre as duas cidades por um itinerário mais curto, porém, mais perigoso por atravessar zonas de vegetação muito espessa, seguido por oito mil soldados, Juliano decide fazer o mesmo trajeto. Amiano ressalta que Juliano não só imita o feito de Silvano, como o faz com mais prudência, já que vai acompanhado por apenas alguns soldados – o restante do exército é enviado para a cidade de *Remos*²⁹ com ordens para armazenar alimentos suficientes para um mês e esperar a sua chegada (Amm. Marc. XVI, 2).

Nesse ponto, é interessante notar que Juliano resolve imitar o feito de um general que havia morrido em função da volatilidade de Constâncio II em matéria de intrigas e conspirações. Amiano deixa muito claro em sua narrativa que não considera a morte de Silvano justa: este teria sido um comandante da infantaria que demonstrou grande eficácia em acabar com as revoltas dos bárbaros³⁰, um inocente que perdeu a vida³¹ por ter sido vítima de uma teia de mentiras e intrigas. E o mais importante, o caos que imperava na região da Gália quando Juliano foi mandado para lá se estabeleceu após a morte de Silvano, pois, enquanto estava vivo, este general conseguiu manter as revoltas locais sob controle. O que Amiano faz em sua narrativa é destacar o caráter vicioso de Constâncio II, que teria se apresentado em dois momentos consecutivos: (1) quando ele permitiu que um inocente morresse de forma indigna por dar

²⁵ Atual cidade de Viena, Áustria.

²⁶ Atual cidade de Autún, França

²⁷ “*velut dux diuturnus viribus eminens et consiliis*” (Amm. Marc. XVI, 2.2).

²⁸ Atual cidade de Auxerre, França.

²⁹ Atual cidade de Reims, França.

³⁰ “*Silvanus pedestris militiae rector, ut efficax ad haec corrigenda*” (Amm. Marc. XV, 5.2).

³¹ “*vitam pulsaturum insontis*” (Amm. Marc. XV, 5.5).

ouvidos a intrigas tramadas por pessoas traiçoeiras e não averiguar os fatos com a devida propriedade e (2) por mandar Juliano resolver uma situação que ele mesmo tinha provocado, pois ele desejava pacificar a Gália sem ter que sair da Itália.

Voltando ao trajeto percorrido por Juliano, ao chegar a *Autosudorum* César faz uma parada para que seus soldados pudessem recobrar as forças – algo que era seu costume³² -; depois disso, os flancos são reforçados por temor a um ataque inimigo e o grupo parte para *Tricasinos*³³. Nessa parte do percurso, Amiano nos conta que Juliano e os poucos soldados que o acompanhava enfrentam alguns grupos bárbaros que encontram pelo caminho, vencendo a muitos e deixando que outros fugissem ilesos – pois o peso das armas tornava uma perseguição inviável. Em *Tricasinos*, Juliano se depara com uma população em pânico pela multidão de germanos que cercavam a cidade, depois de conseguir atravessar os portões e garantir que os cavalos estivessem descansados, e não considerando prudente permanecer muito tempo naquela cidade, Juliano se coloca em marcha para *Remos*, onde o seu exército o aguardava. A partir daí, Juliano e suas tropas continuam avançando pela Gália controlando o caos que imperava na região e a todo o tempo o César “se mostrava sempre precavido e prudente, qualidade essencial nos grandes generais, que costumam proteger a vida e os recursos dos exércitos”³⁴. Cabe ressaltar que no capítulo XVI.3, Juliano marcha para *Colonia* com o objetivo de retomar a cidade e só parte dali quando consegue firmar a paz com os reis francos e de restaurar as fortificações da cidade.

Amiano compara Juliano a um experto general de força e prudência reconhecida, contudo, ele deixa a entender que isso é apenas uma comparação, já que Juliano era muito jovem para ter tamanha experiência; Constâncio II também se refere a Juliano como um *adulescens* no discurso que o nomeia como novo César, (XV, 8.10). Ambas as caracterizações são tendenciosas: por um lado, o objetivo de Amiano é enaltecer a figura de Juliano e ao fazer referência à sua pouca idade, ele procura passar para o seu público a ideia de que, apesar da juventude, o César agia com prudência e sabedoria, cuidando de

³² “*ubi brevi (sicut solebat) otio cum milite recreates*” (Amm. Marc. XVI, 2.6).

³³ Atual cidade de Troyes, França.

³⁴ “*erat providus et cunctator, quod praecipuum bonum in magnis ductoribus, opem ferre solet exercitibus et salutem*” (Amm. Marc. XVI, 2.11).

seus soldados e sendo leal aos interesses do Império, ansiando por combater e derrotar os povos que pressionavam as fronteiras – e ele realiza essa tarefa estando à frente do exército, sendo o primeiro a se expor aos perigos da batalha, e não atrás em segurança; por outro lado, a caracterização feita por Constâncio³⁵ coloca Juliano como *adulescens* com o intuito de desvalorizá-lo: ele era muito jovem para conseguir cumprir a missão que lhe estava sendo dada já que generais mais experientes não tinham conseguido livrar a Gália dos ataques bárbaros que a estavam destruindo sistematicamente. A distância total entre *Viennan* e *Remos* é de aproximadamente quatrocentas e trinta e duas milhas romanas³⁶ ao longo das quais Juliano não deixou de cumprir o papel de um bom comandante, sempre tomando as decisões mais prudentes e nunca deixando de se ater às necessidades de seus soldados, apesar de sua pouca idade tão cantada na obra. Nesse caso, a representação do espaço se constrói por meio da oposição entre as figuras de Juliano e de Constâncio II, onde a descrição dos itinerários percorridos pelo primeiro tem como objetivo caracterizar o César como um comandante sábio, justo e que coloca o bem dos seus soldados acima de tudo.

Conclusão

A análise da construção do espaço nas *Res Gestae* de Amiano Marcelino demonstra que Geografia e História estão mais interligadas do que podemos imaginar. Peter Gould e Rodney White definiram a construção de um mapa mental a partir de elementos subjetivos, como as informações disponíveis sobre os diferentes lugares, a atratividade pessoal por determinados cenários em detrimento de outros, além de fatores culturais, políticos e econômicos. Amiano Marcelino foi um militar grego que é lembrado como o último grande representante da historiografia latina, ele tinha uma visão de mundo característica de sua época, vivendo no século IV d.C., período em que a cidade de Roma tem uma importância simbólica muito maior que uma importância de fato no que diz respeito à administração imperial. O Império tinha uma nova capital, Constantinopla e, no entanto, a cidade permanece inexpressiva na obra

³⁵ Aqui é preciso lembrar que é Amiano quem coloca essas palavras na boca de Constâncio II e, tendo em vista que Juliano é o modelo de governante para o autor, que essas palavras são altamente tendenciosas no intuito de dar espaço a interpretações negativas das atitudes do imperador.

³⁶ Aproximadamente 640 km, de acordo com mediação realizada no “*Barrington Atlas of the Greek and Roman World*” (Talbert, 2000)

de Amiano, como uma tentativa negar a perda de importância de Roma. Conforme aponta Juliana Marques (2011, p. 173),

ao mesmo tempo em que Roma permanece como centro inquestionável do Império Romano, os acontecimentos narrados por ele revelam o verdadeiro caráter da cidade, quase irrelevante como centro político. De fato, o que se sobressai para Amiano é, em última instância, o caráter simbólico da cidade de Roma, *urbs aeterna*.

Essa inexpressividade política de Roma faz com que os centros do poder imperial da narrativa de Amiano Marcelino não sejam locais fixos, mas residam nos próprios imperadores e nos elementos que o circundam, tais como suas cortes e seus exércitos. E é exatamente essa situação de centros de poder constantemente deslocados que conferem uma riqueza de descrições itinerárias que permitem identificar mapas mentais presentes no texto. Nesse sentido, o espaço em Amiano seria a junção da maneira como ele utiliza os princípios da tradição historiográfica, que determinam o que e, principalmente, como ele deve escrever sua história, com a *desirability* proposta por Gould e White, que é fruto de sua experiência e compreensão individual do mundo a sua volta, de sua condição enquanto *miles et Graecus*.

A representação da realidade na narrativa passa pela subjetividade do autor, de forma que nunca podemos tomar seu relato por verdade incontestável ou fiel expressão da realidade, levando sempre em consideração seu momento histórico e a posição social que ocupava, na tentativa de entender as motivações por trás da produção de suas *Res Gestae*. A construção do espaço em Amiano Marcelino não pode ser dissociada das atitudes subjetivas do autor em relação aos personagens de sua narrativa. As *Res Gestae* não escondem que Juliano era o seu modelo ideal de governante: todos os outros imperadores presentes no texto não são dignos o suficiente, sempre cometendo faltas e se entregando aos prazeres da vida. Juliano seria a exceção, o imperador filósofo e pagão tão louvado por Amiano e odiado pelos cristãos.

As abundantes descrições presentes na narrativa de Amiano evocam uma imagem das regiões descritas nas mentes dos leitores, mesmo em relação aos elementos mais dinâmicos, essas frequentes descrições do espaço geográfico corroboram a preferência dos antigos pela descrição verbal em detrimento da

representação pictórica do espaço (Janni, 1984, p. 17). A noção de espaço do mundo antigo é *hodológica*, um espaço centrado no ego onde, a cada momento, o viajante se posiciona em relação à sua própria orientação espacial, buscando referencias que sejam capazes de orientar o seu caminho e transpor para esse mundo antigo as concepções de espaço presentes na atualidade seria negar aos antigos a posse de uma visão de mundo própria, o que de maneira alguma pode ser feito.

Bibliografia

Fontes:

AMMIANUS MARCELLINUS. *Roman History*. 3 vols., Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1985. (The Loeb Classical Library)

AMIANO MARCELINO. *Historia*. Edición y traducción de M^a Luisa Harto Trujillo, Madrid: Akal-Clásica, 2002.

Obras gerais:

BARNES, Timothy D. *Ammianus Marcellinus and the Representation of Historical Reality*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1998.

BARRERA, José Carlos Bermejo. Pensando el espacio: entre la geografía y la historia. *Gallaecia*, vol. 29, 2010, pp. 285-298.

BRODERSEN, Kai. The representation of geographical knowledge for travel and transport in the Roman world: *itineraria non tantum adnotata sed etiam picta*. In: ADAMS, Colin; LAURENCE, Ray. *Travel and Geography in the Roman Empire*. London and New York: Routledge, 2001, pp. 7-21.

_____. Mapping (In) the Ancient World. *The Journal of Roman Studies*, vol. 54, 183-190, pp. 2004.

_____. *Terra Cognita: Studien zur römischen Raumerfassung*. Hildesheim: Georg Olms Verlag, 1995.

CAMERON, Averil; CAMERON, Alan. Christianity and Tradition in the historiography of Late Antiquity. *The Classical Quarterly*, New Series, vol. 14, n. 2, Nov. 1964, pp. 316-328.

CARVALHO, Margarida Maria de. A heroificação do imperador Juliano no relato de Amiano Marcelino. *LPA: Revista de História*, n. 6, 1996, pp. 169-174.

CARVALHO, Margarida et al. Barbarização do exército romano e renovação historiográfica: novas perspectivas sobre o tema. *História Questões & Debates*, n. 48/49, Curitiba: Editora UFPR, 2008.

COUCLELIS, Helen; GALE, Nathan. Space and Spaces. *Geografiska Annaler*, Series B, Human Geography, vol. 68, n. 1, 1986, pp. 1-12.

DILKE, O. A. W. *Greek and Roman Maps*. Baltimore and London: The Johns Hopkins University Press, 1998.

DOWNS, Roger; STEA, David (Eds.). *Image and Environment: Cognitive Mapping and Spatial Behavior*. Ney Jersey: Aldine Transaction, 2009.

FARIA, Ernesto. *Dicionário Latino-Português*. Belo Horizonte: Garnier, 2003.

GUZMÁN ARMARIO, Francisco Javier. *Romanos y bárbaros en las fronteras del Imperio romano según el testimonio de Amiano Marcelino*. Madrid: Signifer, 2006.

HARTO TRUJILLO, M^a Luisa. Introducción. In: AMIANO MARCELINO. *Historia*. Edición y traducción de M^a Luisa Harto Trujillo. Madrid: Akal-Clásica, 2002, pp. 13-93.

JANNI, Pietro. *La mappa e il periplo: Cartografia antica e spazio odologico*. Roma: Università di Macerata, Pubblicazioni della Facoltà di Lettere e Filosofia, 1984.

KELLY, Gavin. *Ammianus Marcellinus – The Allusive Historian*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

LÓPEZ RAMOS, Jorge. Excursus, etnografia y geografía: un breve recorrido por la tradición historiográfica antigua (de Heródoto a Amiano Marcelino). *NOVA TELLVS*, vol. 26, n. 1, 2008, pp. 259-319.

MARQUES, Juliana Bastos Muito além da geografia, o espaço cognitivo de Amiano Marcelino. *Clássica* (São Paulo), vol. 22, pp. 148-160, 2009.

_____. As faces de Roma e os centros do poder em Amiano Marcelino. *Dimensões*, Revista de História da UFES, 2011, pp. 173-178.

MENDES, Norma Musco. *Sistema Político do Império Romano do Ocidente: um modelo de colapso*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

MOMIGLIANO, Arnaldo. The Lonely Historian Ammianus Marcellinus. In: _____. *Essays in Ancient and Modern Historiography*. Chicago: The University of Chicago Press, 2012, pp. 127-140

NICOLET, Claude. *Sapace, Geography, and Politics in the early Roman Empire*. Michigan: University of Michigan Press, 1991.

PEREIRA, Fernanda Coimbra da Costa. *Filosofia política, resistência e identidade no Baixo Império romano: um estudo sobre a reação dos filósofos neoplatônicos ao avanço do cristianismo (361-363)*. 2009. 138 f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória.

SILVA, Gilvan Ventura da. História, verdade e justiça em Amiano Marcelino. In: JOLY, Fabio Duarte (Org.). *História e retórica*. Ensaios sobre historiografia antiga. São Paulo: Alameda, 2007, pp. 165-182.

TALBERT, Richard. Greek and Roman mapping: twenty-first perspectives. In: _____.; UNGER, Richard. *Cartography in antiquity and the Middle Age: fresh perspectives, new methods*. London: Brill, 2008, pp. 9-27.

_____. (Ed.). *Barrington Atlas of the Greek and Roman World*. Princeton: Princeton University Press, 2000.

_____.; BRODERSEN, Kai. *Space in the Roman World, its Perception and Presentation*. LIT: Munster, 2004.

THOMPSON, E. A. *The historical work of Ammianus Marcellinus*. London: Cambridge University Press, 1969.

WOODWARD, David; HARLEY, J. B. *The History of Cartography*. Volume 1: Cartography in Prehistoric, Ancient, and Medieval Europe and the Mediterranean. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.